

Contextualização da Geração de 70 e do Realismo

Durante o século XIX assiste-se na Europa a grandes transformações: Darwin e Lamarck difundem as teorias evolucionistas, Mendel a da hereditariedade, Taine surge com o determinismo, Auguste Comte com as teorias sociológica e positivista e as ciências exactas passam por grande incremento, levando a uma explosão científica resultante de um constante espírito de indagação.

A nível político, caminha-se a passos largos para o fim das monarquias e para a conseqüente implantação do republicanismo.

Em Portugal, vive-se também num clima de instabilidade: as invasões francesas, a que se seguiu a guerra civil, a revolução de Setembro e as revoltas da Maria da Fonte e da Patuleia conduzem o país a graves crises financeiras, políticas e sociais.

O descontentamento vai abrandar quando Costa Cabral instaura a Regeneração, regime político conducente a alguma estabilidade e acalmia, vigente no período de 1851 a 1889.

A Geração de 70

A geração de 70 está associada à tomada de consciência de uma época em que a mudança e uma nova mentalidade se impõem.

Com efeito, por volta de 1865, um grupo de jovens estudantes coimbrões transforma-se em pensadores, artistas, historiadores, escritores, poetas, que contactam com as novidades vindas de França, Inglaterra e Alemanha e, rapidamente, revelam o seu inconformismo face à inércia e conservadorismo portugueses.

Na tentativa de entender o Romantismo, apercebem-se da necessidade de desenvolver uma revolução cultural porque, se o 1º romantismo (expoenciado por Garrett e Herculano) se limitou aos problemas nacionais, teve, porém, o mérito de acreditar num ideal progressista e na força da liberdade, mas o mesmo não aconteceu com o 2º, já que se limitou a aprofundar o sentimentalismo, levado à frustração, afastando as ideias novas da arte em geral.

Antero é o líder incontestado desta geração e é este quem vai içar o estandarte da **Questão Coimbrã**.

A Geração de 70 ↔ Revolução cultural

porque

1º romantismo (Garrett e Herculano) limitado aos problemas nacionais = nacionalismo cultural excessivo

mas

trouxe algo de novo

2º romantismo pouco fértil em originalidade, pouco contacto com o estrangeiro

Regeneração favorável:

- refugiam-se no sentimentalismo e no fatalismo

Geração de 70 → vem arrancar da modorra a cultura e literatura portuguesas, principalmente com Antero de Quental e Eça de Queirós.

A Questão Coimbrã

Tratou-se de uma polémica literária que teve como principais conflitantes Antero de Quental e António Feliciano de Castilho.

Com efeito, algumas publicações de seguidores de Castilho e a celeberrima carta deste ao editor do "Poema da Mocidade", de Pinheiro Chagas, onde o patriarca das letras tece elogios a este escritor e o recomenda para docente da cadeira de Literatura a que Antero também aspirava, constituem o rastilho para a troca de libelos, destacando-se o folheto "Bom senso e bom gosto", no qual Antero reclama a liberdade e autonomia do escritor e apela ao seu envolvimento social.

A Questão Coimbrã

Reacção a uma literatura conservadora e de convívio política

Castilho, Pinheiro Chagas, Tomás Ribeiro, João de Lemos

Temas: morte, saudade, visão pessimista da existência

choque entre

geração conservadora ↔ geração dos jovens estudantes coimbrões

arte = expressão exagerada de sentimentos negativos para manter os privilégios, a tradição, o seguidismo

arte = liberdade, inovação, criatividade, contestação, revolução de mentalidades

morte / lamúria / elogio mútuo

optimismo / confiança no futuro

arte = alienação

arte = vida

As Conferências do Casino

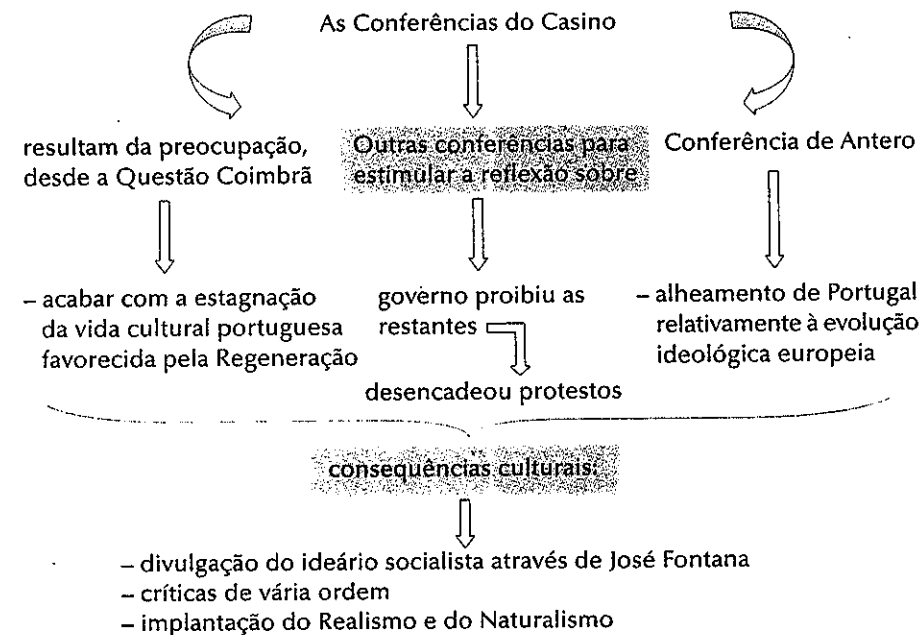
Antero sentiu, desde a Questão Coimbrã, a necessidade de retirar a cultura portuguesa do clima de estagnação em que se encontrava.

Com o intuito de estimular a reflexão sobre os problemas culturais do país, Antero reúne-se com outros intelectuais portugueses como Jaime Batalha Reis, Adolfo Coelho, Augusto Soromenho, José Fontana, Eça de Queirós, num local designado por **Cenáculo**, com o intuito de discutirem os assuntos nacionais e reflectirem sobre a literatura europeia. Aqui nasce o propósito de proferir um conjunto de conferências cujos temas reflectissem a cena político-cultural portuguesa.

Em 1871, no programa das conferências, anunciava-se o seu propósito: dar voz às ideias e aos trabalhos deste novo movimento que tinha por finalidade transformar social, moral e politicamente os povos e ligar Portugal ao movimento moderno que agitava a Europa culta.

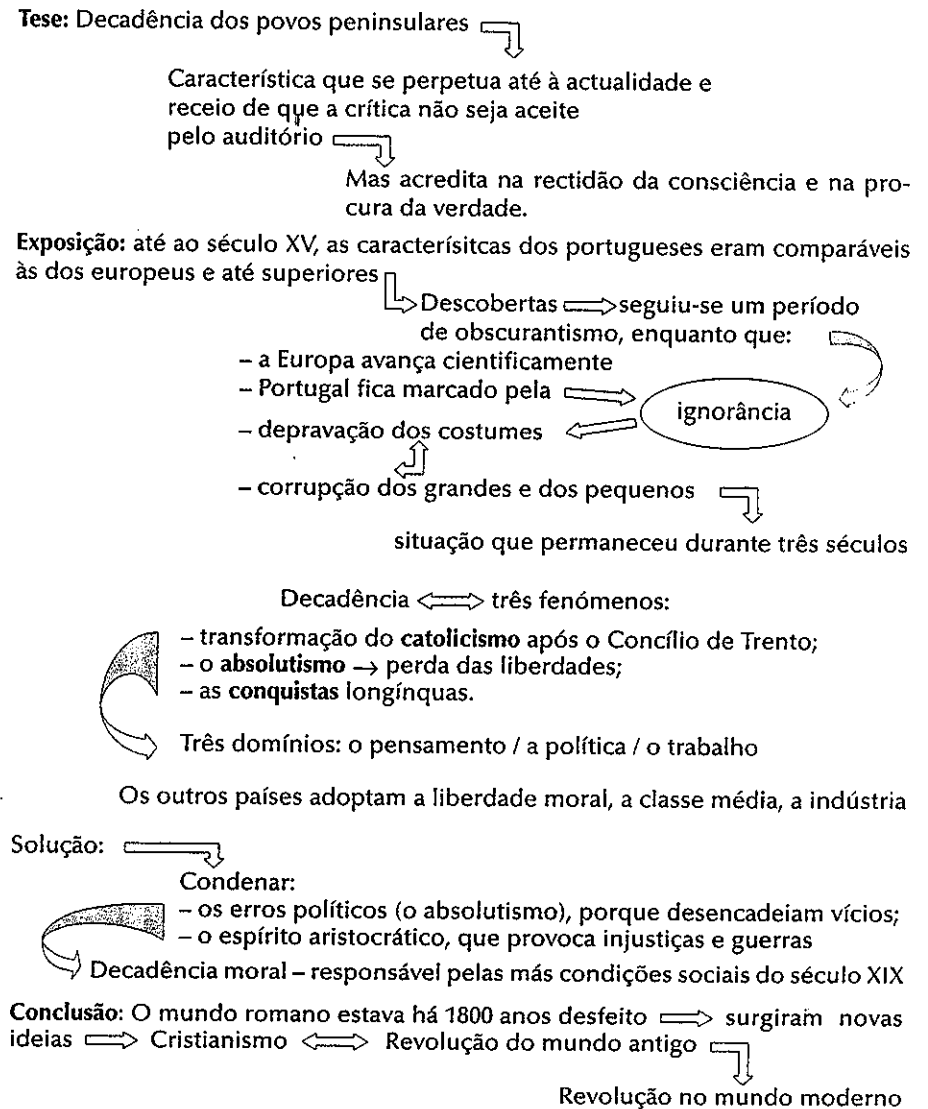
Do conjunto alargado das conferências projectadas, apenas cinco vieram a público. As restantes não chegaram a ser divulgadas publicamente porque o governo editou uma portaria onde proibia a sua realização por as considerar instigadoras da ordem pública.

Choveram protestos contra esta proibição, embora de nada tivessem valido. Apesar de tudo, pode afirmar-se que as conferências estiveram na base da implantação do Realismo e do Naturalismo em Portugal.



A conferência anterioriana - Causas da decadência dos povos peninsulares

O programa de Português A enuncia a obrigatoriedade de analisar excertos da conferência anterioriana. Neste sentido, apresenta-se de seguida um esquema que sintetiza o discurso argumentativo que Antero utilizou. Com efeito, depois de apresentar a sua tese, o autor vai expor um conjunto de argumentos que lhe permitirão confirmá-la. Atente-se pois no esquema:



Pelo esquema é fácil perceber-se que o autor considera que o país está em decadência e começa por apelar à rectidão da consciência do auditório que, certamente, vê na verdade uma virtude.

Relembra os feitos do passado para que se possa constatar a inércia do presente e o conseqüente atraso em que se encontra a península.

A leitura atenta do texto anterior permite perceber que o autor tenta, antes de mais, persuadir a audiência da veracidade das afirmações, ou da análise que vai fazer da sociedade portuguesa do século XIX.

Para defender a sua tese, empregará diversos argumentos que constituirão uma forma de ensinar, informar e esclarecer os presentes sobre o porquê do nosso atraso cultural e social.

Os ouvintes ficam então a saber que são factores de ordem religiosa, política e económica que explicam a situação em que se encontram os povos peninsulares. Refere o rumo tomado pelo catolicismo, o prolongamento do absolutismo e a pouca perseverança no trabalho como justificativos da situação actual. Compara, ainda, o rumo que levaram estes factores na Europa, de modo a que a plateia percepcione e ajuíze as razões apresentadas.

É curioso verificar que, apesar do orador ter consciência da incomodidade do assunto, este tenta agradar ao público, referindo a necessidade de procurar a verdade para, através dela, se percepcionarem os erros cometidos e se encetar uma nova etapa na história da nação. O seu apego à verdade funciona, pois, como elemento persuasor, dado que este valor é, sem dúvida, perflhado por todas as pessoas.

Também é nítido que subjacente à intenção de persuadir está a vontade de agradar. Mas, para tal, muito contribuiu o tipo de linguagem utilizada que, obviamente, permitiu a construção de um discurso sóbrio e coerente, recorrendo a uma linguagem valorativa, a verbos e conceitos concretos e precisos, para que o seu discurso fosse claro e objectivo, dado que o seu intuito era o de persuadir os ouvintes.

O Realismo

A conferência proferida por Eça de Queirós lança as bases estéticas deste movimento literário, que se constitui como reacção ao romantismo e resulta de uma nova preocupação, agora voltada para a realidade concreta e para as questões sociais e humanas, que serão analisadas ao pormenor.

Stendhal, em França, foi o primeiro a reagir ao sentimentalismo romântico. Mas é Balzac quem melhor define o realismo, dada a observação objectiva de que se serve, concretamente na *Comédie Humaine*, a que se seguiram *Salammbô* e *Madame Bovary* de Flaubert.

Além disso, as teorias positivistas e experimentais influem no aparecimento de uma literatura realista, de cariz analista que fará despoletar o naturalismo.

Em síntese, pode afirmar-se que o realismo é um movimento artístico que tenta observar e captar a realidade de uma forma objectiva, fazendo dela uma análise rigorosa, servindo-se da narrativa, particularmente do romance, por ser este que permite articular a narração com a descrição minuciosa dos espaços onde decorre a acção. Aqui, a personagem ganha relevo, especialmente porque se lhe associam aspectos profissionais, económicos, culturais e esta estabelece ligação com o mundo real, representativo de uma época histórica.

O Naturalismo

Já atrás se disse que o naturalismo se serve do real objectivo embora lhe imprima um carácter analítico. Isto equivale a dizer que parte do mesmo pressuposto do realismo, que defende que a arte deve ser a representação mimética e objectiva da realidade exterior, usando a impessoalidade e o objectivismo como técnica. Mas não se limita a representá-lo, procura aprofundá-lo através da análise das circunstâncias sociais que envolvem as personagens e que condicionam o seu comportamento. Parte, por isso, dos princípios deterministas como a hereditariedade, o meio social e a educação que condicionam os fenómenos humanos em todas as dimensões. Neste sentido, compreendem-se as afirmações de Eça de Queirós quando, na conferência intitulada "O Realismo como nova expressão de arte", afirma que "o Realismo é a anatomia do carácter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade". Estas palavras comprovam a noção de que o Naturalismo não é independente do Realismo, é antes o seu aprofundamento porque tem subjacente um conjunto de correntes científicas e filosóficas que imprimem ao realismo um carácter algo científico.